

DOMINGO II DO TEMPO COMUM

CIC 604-609: Jesus, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo

- 604** Entregando o seu Filho pelos nossos pecados, Deus manifesta que o seu plano sobre nós é um desígnio de amor benevolente, independente de qualquer mérito da nossa parte: «Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, foi Deus que nos amou a nós e enviou o seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados» (1 Jo 4, 10)¹. «Deus prova assim o seu amor para conosco: Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores» (Rm 5, 8).
- 605** Este amor é sem exclusão. Jesus lembrou-o ao terminar a parábola da ovelha perdida: «Assim, não é da vontade do meu Pai, que está nos céus, que se perca um só destes pequeninos» (Mt 18, 14). E afirma «dar a Sua vida em resgate *pela multidão*» (Mt 20, 28). Esta última expressão não é restritiva: simplesmente contrapõe o conjunto da humanidade à pessoa única do redentor, que Se entrega para a salvar². No seguimento dos Apóstolos³, a Igreja ensina que Cristo morreu por todos os homens, sem excepção: «Não há, não houve, nem haverá nenhum homem pelo qual Cristo não tenha sofrido»⁴.
- 606** O Filho de Deus, «descido do céu, não para fazer a sua vontade mas a do seu Pai, que O enviou»⁵, «diz, ao entrar no mundo: [...] Eis-me aqui, [...] ó Deus, para fazer a tua vontade. [...] E em virtude dessa mesma vontade, é que nós fomos santificados, pela oferenda do corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre» (Heb 10, 5-10). Desde o primeiro instante da sua Encarnação, o Filho faz seu o plano divino de salvação, no desempenho da sua missão redentora: «O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que Me enviou e realizar a sua obra» (Jo 4, 34). O sacrifício de Jesus «pelos pecados do mundo inteiro» (1 Jo 2, 2) é a expressão da sua comunhão amorosa com o Pai: «O Pai ama-Me, porque Eu dou a minha vida» (Jo 10, 17). «O mundo tem de saber que amo o Pai e procedo como o Pai Me ordenou» (Jo 14, 31).
- 607** Este desejo de fazer seu o plano do amor de redenção do seu Pai, anima toda a vida de Jesus⁶. A sua paixão redentora é a razão de ser da Encarnação: «Pai, salva-Me desta hora! Mas por causa disto, é que Eu cheguei a esta hora» (Jo 12, 27). «O cálice que o Pai Me deu, não havia de bebê-lo?» (Jo 18, 11). E ainda na cruz, antes de «tudo estar consumado» (Jo 19, 30), diz: «Tenho sede» (Jo 19, 28).

¹ Cf. 1 Jo 4, 19.

² Cf. Rm 5, 18-19.

³ Cf. 2 Cor 5, 15; 1 Jo 2, 2.

⁴ CONCÍLIO DE QUIERCY (ano 853), *De libero arbitrio hominis et de predestinatione*, canon 4: DS 624.

⁵ Cf. Jo 6, 38.

⁶ Cf. Lc 12, 50; 22, 15; Mt 16, 21-23.

608 Depois de ter aceitado dar-Lhe o baptismo como aos pecadores⁷, João Baptista viu e mostrou em Jesus o «Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo»⁸. Manifestou deste modo que Jesus é, ao mesmo tempo, o Servo sofredor, que Se deixa levar ao matadouro sem abrir a boca⁹, carregando os pecados das multidões¹⁰, e o cordeiro pascal, símbolo da redenção de Israel na primeira Páscoa¹¹. Toda a vida de Cristo manifesta a sua missão: «servir e dar a vida como resgate pela multidão»¹².

609 Ao partilhar, no seu coração humano, o amor do Pai para com os homens, Jesus «amou-os até ao fim» (*Jó* 13, 1), «pois não há maior amor do que dar a vida por aqueles que se ama» (*Jó* 15, 13). Assim, no sofrimento e na morte, a sua humanidade tornou-se instrumento livre e perfeito do seu amor divino, que quer a salvação dos homens¹³. Com efeito, Ele aceitou livremente a sua paixão e morte por amor do Pai e dos homens a quem o Pai quer salvar: «Ninguém Me tira a vida. Sou Eu que a dou espontaneamente» (*Jó* 10, 18). Daí, a liberdade soberana do Filho de Deus, quando Ele próprio vai ao encontro da morte¹⁴.

CIC 689-690: a missão do Filho e do Espírito Santo

689 Aquele que o Pai enviou aos nossos corações, o Espírito do seu Filho¹⁵, é realmente Deus. Consustancial ao Pai e ao Filho, é d'Eles inseparável, tanto na vida íntima da Trindade como no seu dom de amor pelo mundo. Mas ao adorar a Santíssima Trindade, vivificante, consustancial e indivisível, a fé da Igreja professa também a distinção das Pessoas. Quando o Pai envia o seu Verbo, envia sempre o seu Sopro: missão conjunta na qual o Filho e o Espírito Santo são distintos mas inseparáveis. Sem dúvida, é Cristo quem aparece, Ele que é a Imagem visível de Deus invisível; mas é o Espírito Santo que O revela.

690 Jesus é Cristo, «ungido», porque o Espírito é d'Ele a Unção; e tudo quanto acontece a partir da Encarnação, decorre desta plenitude¹⁶. Finalmente, quando Cristo é glorificado¹⁷, pode, por sua vez, enviar de junto do Pai, o Espírito, aos que crêem n'Ele: comunica-lhes a sua glória¹⁸, quer dizer, o Espírito Santo que O glorifica¹⁹. A missão conjunta desenvolver-se-á, a partir desse momento, nos filhos adoptados pelo Pai no Corpo do seu Filho: a missão do Espírito de adopção consistirá em uni-los a Cristo e fazê-los viver n'Ele:

«A noção de unção sugere... que não há nenhuma distância entre o Filho e o Espírito. Com efeito, do mesmo modo que entre a superfície do corpo e a unção do óleo, nem a razão

⁷ Cf. *Lc* 3, 21; *Mt* 3, 14-15.

⁸ Cf. *Jó* 1, 29-36.

⁹ Cf. *Is* 53, 7; *Jr* 11, 19.

¹⁰ Cf. *Is* 53, 12.

¹¹ Cf. *Ex* 12, 3-14; *Jó* 19, 36; *1 Cor* 5, 7.

¹² Cf. *Mc* 10, 45.

¹³ Cf. *Heb* 2, 10.17-18; 4, 15; 5, 7-9.

¹⁴ Cf. *Jó* 18, 4-6; *Mt* 26, 53.

¹⁵ Cf. *Gl* 4, 6.

¹⁶ Cf. *Jó* 3, 34.

¹⁷ Cf. *Jó* 7, 22.

¹⁸ Cf. *Jó* 17, 22.

¹⁹ Cf. *Jó* 16, 14.

nem os sentidos encontram qualquer entremeio, assim é imediato o contacto do Filho com o Espírito, de tal modo que aquele que vai tomar contacto com o Filho pela fé, tem que contactar primeiro com o óleo. Com efeito, não há parte alguma que esteja despida do Espírito Santo. É por isso que a confissão do Senhorio do Filho se faz no Espírito Santo para aqueles que a recebem, pois o Espírito vem, de todos os lados, ao encontro daqueles que se aproximam pela fé»²⁰.

²⁰ SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *Adversus Macedonianos de Spiritu Sancto*, 16: *Gregorii Nysseni opera*, ed. W. JAEGER-H. LANGERBECK, v. 3/1 (Leiden 1958) p. 102-103 (PG 45, 1321).